

# SIMENON



## A NEVE ESTAVA SUJA



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE  
*Os Clientes do Timo*

## 1

Sem um acontecimento fortuito, a acção de Frank Friedmaier, nessa noite, teria tido apenas uma importância relativa. Como é evidente, Frank não previra que o seu vizinho Gerhardt Holst iria passar na rua. Ora, o facto de Holst ter passado e de o ter reconhecido alterava tudo. Mas Frank aceitou também isso, e tudo o que havia de se seguir.

Eis a razão pela qual o que ocorreu nessa noite, junto ao muro da fábrica de curtumes, foi bastante diferente, tanto para o presente como para o futuro, da perda de uma virgindade, por exemplo.

Pois foi nisso que Frank pensou em primeiro lugar, e essa comparação divertia-o e envergonhava-o ao mesmo tempo. Fred Kromer, seu amigo — é certo que Kromer tinha vinte e dois anos —, matara mais um homem uma semana antes, precisamente ao sair do bar de Timo, onde Frank se encontrava alguns minutos antes de se ir encostar ao muro da fábrica de curtumes.

Podia o morto de Kromer contar realmente? Kromer dirigia-se para a porta, abotoando a peiça, com um ar importante, como de costume, um grande charuto nos lábios grossos. Reluzia. Kromer estava sempre a reluzir. Tinha uma pele gorda, espessa, como a de algumas laranjas, e essa pele parecia ressumar.

Alguém o comparara a um jovem touro que não arranja forma de se satisfazer. De qualquer forma, era em algo sexual que o seu rosto espesso e reluzente, os seus olhos húmidos, os seus lábios inchados faziam pensar.

Um tipo pequeno e magro, um pouco pálido e febril, como há tantos, sobretudo à noite, levantara-se estupidamente quando ele passava – vendo-o, não seria de julgar que tivesse dinheiro suficiente para vir beber no Timo – e dirigira-lhe umas quantas injúrias, agarrando-o pela gola de pele.

Que é que Kromer lhe vendera que o deixara descontente?

Kromer seguira em frente, com toda a dignidade, puxando pelo charuto. O outro, o malnutrido, talvez por estar com uma mulher que queria impressionar, seguira-o pela calçada, onde se pusera aos berros.

As pessoas, na rua de Timo, não se espantam por aí além com gritarias. As patrulhas vão lá o mais raramente possível. No entanto, se um veículo desses senhores tivesse passado nas proximidades, eles seriam forçados a ir ver o que se passava.

– Vai-te deitar! – disse Kromer ao gnomo, que tinha uma cabeça demasiado grande para o corpo e uma guedelha de um ruivo ardente.

– Não antes de ouvires o que te tenho a dizer..

Se se tivesse de ouvir tudo o que as pessoas têm para nos dizer, depressa acabaríamos presos.

– Vai-te deitar!..

Teria o ruivo bebido acima da conta? Tinha mais ar de alguém que se droga. Talvez fosse Kromer quem lhe fornecia a droga e esta estivesse demasiado adulterada? Pouco importa.

Kromer, no meio da alameda, sombria entre os dois bancos de neve, tirou o charuto da boca com a mão esquerda. Bateu-lhe com o punho direito, uma única vez. Então, viram-se duas pernas e dois braços no ar, literalmente, como uma marioneta; depois, a forma escura incrustou-se no monte de neve que

ladeava o passeio. O mais curioso é que ao lado da cabeça estava uma casca de laranja, coisa que provavelmente não se conseguiria encontrar em toda a cidade, a não ser em frente do Timo.

Timo apareceu, sem casaco, sem boné, tal como estava dentro do bar. Apalpou a marioneta e descaiu um pouco o lábio inferior.

– Este já foi – resmoneou. – Daqui a menos de uma hora, fica rígido.

Teria Kromer realmente matado o ruivo com um soco? É o que ele espalha por aí. Não será o tipo a contradizê-lo, já que, a conselho de Timo, que nunca perde tempo, foram atirá-lo para a velha doca onde os esgotos são vertidos e impedem a água de congelar.

Kromer pode então reclamar ter matado o seu homem. Mesmo que Timo tivesse algo a ver com isso, mesmo se a marioneta, que foi preciso atirar novamente pelo ar para a fazer passar por cima de um pequeno muro de tijolo, não estivesse completamente morta.

A prova de que Kromer não acha que aquilo tenha sido a sério é que continua a contar a história da rapariga estrangulada. Contudo, essa não se passou na cidade nem num sítio que os outros conheçam. Não há provas. Assim, qualquer um se pode vangloriar de tudo e mais alguma coisa.

– Tinha umas mamas grandes, um narizinho de nada, e olhos claros... – diz ele.

Sobre isto, não varia nada. Mas de cada vez acrescenta alguns detalhes.

– Foi num celeiro...

Bom. Mas que é que Kromer, que nunca foi soldado e detesta o campo, fazia num celeiro?

– Fizemos amor em cima da palha e os fiapos não paravam de me fazer comichão e puseram-me de mau humor...

Kromer conta esta história enquanto suga o charuto e olha em frente, com um ar ausente, como por modéstia. Há ainda um detalhe sobre o qual ele não varia. É uma frase da mulher.

– Espero que me estejas a fazer um filho.

Ele garante que foi essa frase que tudo desencadeou, que a ideia de ter um filho dessa rapariga estúpida e porca que ele estava ali a amassar como se fosse pão lhe pareceu grotesca, inaceitável.

– *Completamente i-na-cei-tá-vel.*

E que ela se punha cada vez mais meiga e apegada.

Que ele conseguia ver, sem ter necessidade de fechar os olhos, uma cabeça monstruosa, loura e pálida, sem feições, que seria a do filho da rapariga e dele.

Seria por Kromer ser moreno, duro como uma pedra?

– Deixou-me enojado – conclui, deixando cair a cinza do charuto.

É um manhoso. Sabe os gestos que é preciso fazer. Tem tiques que o tornam interessante.

– Achei mais seguro estrangular a mãe. Era a primeira vez. Pois bem! É fácilimo. Nada impressionante.

Não é só Kromer. Quem, no Timo, não matou pelo menos um homem? Na guerra ou de outro modo. Ou através da denúncia, que é a forma mais fácil. Nem é preciso assinar nada.

Timo, que não se gaba disso, deve ter matado imensos, senão os ocupantes não lhe deixavam o bar aberto a noite toda sem vir ver o que ali se passa. Ainda que as portadas estejam sempre fechadas, ainda que seja preciso passar pela álea e dar-se a reconhecer através da porta, não são assim tão ingénuos para não saber.

Então? Para Frank, a perda da virgindade, a verdadeira, há uns tempos, não teve assim tanta importância. Porque estava num meio favorável. Para outros, é toda uma história que ainda contam anos depois, acrescentando-lhe floreados, como Kromer no caso da rapariga estrangulada no celeiro.

Que aos dezanove anos Frank tenha matado o seu primeiro homem é uma desfloração pouco mais impressionante do que a primeira. E, como no caso da primeira, não foi premeditada. Aconteceu por si só. Dir-se-ia que chega um momento em que é simultaneamente indispensável e natural tomar uma decisão que, na realidade, já está tomada há muito tempo.

Ninguém o empurrou. Não se riram dele. Aliás, só os imbecis se deixam impressionar pelos amigos!

Há semanas, talvez meses, que diz para si mesmo, pois sente em si uma espécie de inferioridade:

– Tenho de experimentar...

Não numa briga. Não é o seu estilo. Na sua cabeça, para que seja a sério, é indispensável que seja realizado a frio.

A oportunidade apresentou-se há pouco. Seria por estar à coca que aquilo pareceu uma oportunidade?

Estavam no Timo, na mesa deles, junto ao balcão. Estava lá Kromer, com a sua peliça, que mantém às costas, mesmo nos sítios excessivamente quentes. E o seu charuto, claro. E a sua pele reluzente. E os seus olhos grandes que têm mesmo algo de bovino. Kromer deve achar-se de um extracto diferente do resto do mundo, pois não se dá ao trabalho de guardar as notas grandes numa carteira, enfiando-as, em vez disso, aos maços, e todas amarfanhadas, nos bolsos.

Com Kromer, estava um tipo que Frank não conhece, um tipo de outro meio, que disse logo, à guisa de apresentação:

– Chame-me Berg.

Deve ter pelo menos uns quarenta anos. É frio, secreto. Não é um qualquer. A prova é que Kromer se mostra quase humilde perante ele.

Contou-lhe a história da rapariga estrangulada, sem insistir, com cara de quem diz aquilo de passagem, que não interessa nada, que era só uma brincadeira.

– Frank, olha a navalha que o *meu amigo* me deu agora mesmo.

E a navalha, como uma jóia que ganha em sair de um rico escrínio, ganhava ainda mais prestígio ao ser extraída da peliça quente e ao ser exibida na toalha aos quadrados sobre a mesa.

– Apalpa o gume.

– Sim.

– Consegues ler a marca?

Era uma navalha fabricada na Suécia, uma navalha de ponta e mola, com um gume tão fino, tão «dinâmico», que se tinha a sensação de que a lâmina devia possuir a sua própria inteligência e procurar o seu caminho nas carnes.

Porque é Frank pronunciara, envergonhado com o tom infantil que adoptava sem o pretender:

– Empresta-ma.

– Para quê?

– Para nada.

– Estes brinquedos não nasceram para não fazer nada.

A outra personagem sorria, um sorriso algo protector, como se escutasse as gabarolices de dois rapazes.

– Empresta-ma.

Claro que não era para não fazer nada. Mas ainda não sabia para o que era. Foi nesse momento que viu, na mesa do canto, sob a luz recortada pelo abajur de seda roxa do candeeiro, o suboficial gordo, já vermelhaço – violeta, por causa da luz –, tirar o cinto e colocá-lo entre os copos.

Todos conheciam este suboficial. Era quase uma mascote, uma espécie de animal doméstico que se está acostumado a ver no seu lugar. Dos ocupantes, era o único a vir regularmente ao Timo sem o fazer às ocultas, sem tomar precauções, sem pedir discrição.

Devia ter um nome. Aqui, chamavam-lhe o Eunuco. Porque era gordo, tão gordo que a carne ficava apertada no uniforme, fazia pregas na cintura e debaixo dos braços. Fazia pensar numa matrona que se despe e cujo corpete marcou as carnes moles.



Tinha outras pregas na nuca e debaixo do queixo, e no crânio esvoaçavam-lhe uns cabelos penugentos, incolores, sedosos.

Sentava-se sempre no mesmo canto, invariavelmente com duas mulheres, umas quaisquer, desde que fossem morenas e magras. Dizia-se que gostava delas peludas.

Quando os clientes que entravam se sobressaltavam ao ver o seu uniforme – o da polícia de ocupação –, Timo baixava um pouco a voz para lhes dizer:

– Não tenham medo. Não é perigoso.

Será que o Eunuco ouvia? Será que compreendia? Comprava álcool às garrafas. Com uma mulher no colo, a outra ao lado, no banco, ele contava-lhes histórias baixinho, ao ouvido, e ria-se. Bebia, contava histórias, ria-se e fazia-as beber, com as mãos enfiadas nas saias delas.

Devia ter uma família algures no seu país. Nouchi, que brincara com a carteira dele, assegurava que estava cheia de fotografias de crianças de todas as idades. Ele chamava as raparigas por outros nomes que não os delas. Isso divertia-o. Pagava-lhes refeições. Adorava vê-las a comer, pratos caros que só há no Timo e noutros sítios ainda mais difíceis de lá entrar, reservados, na verdade, para os oficiais superiores.

Praticamente, obrigava-as a comer. Comia com elas. Apalpava-as à frente de toda a gente. Olhava para os seus dedos molhados e ria-se. Depois, sistematicamente, vinha um momento em que desafivelava o cinto e o punha em cima da mesa.

Nesse cinto, havia um coldre que continha um revólver automático.

Por si só, nada disto tinha importância. O suboficial, o Eunuco, era um gordo depravado de que só se falava a rir. Até Lotte, a mãe de Frank.

Também ela o conhecia. Todo o bairro o conhecia, uma vez que, para voltar à cidade, onde devia ter o emprego, atravessava duas vezes por dia a rua do eléctrico e descia até à Ponte Velha.

Não morava no quartel. Estava hospedado na Sra. Mohr, a viúva de um arquitecto, duas casas acima da rua do eléctrico.

Era um vizinho. Viam-no a horas certas, sempre rosado e bem composto, apesar das noites no Timo. Tinha um sorriso muito próprio, que a alguns parecia malicioso, mas que talvez não fosse mais do que um sorriso de bebé.

Virava-se para as meninas, fazia-lhes graças, às vezes dava-lhes bombons, que tirava dos bolsos.

— Aposto que um dia destes vem cá a cima — dissera Lotte, a mãe de Frank.

O seu ofício estava legalmente proibido. É certo que tinha o direito de manter um salão de manicura no bairro da velha doca, mesmo se evidentemente não passasse pela cabeça de ninguém subir três andares, num prédio cheio de inquilinos, para tratar das unhas.

Sabia-se, não só na rua, mas, por assim dizer, na cidade inteira, que havia quartos lá atrás.

O Eunuco, que pertencia à polícia dos ocupantes, também o devia saber.

— Vais ver que vem!

Só de ver um homem pela janela do terceiro andar, Lotte era capaz de dizer se este acabaria ou não por subir. Conseguia até prever o tempo que ele levaria a decidir, e era raro enganar-se.

De facto, o Eunuco fora lá num domingo de manhã — por causa do horário da repartição —, muito atrapalhado, desajeitado. Precisamente, não estava lá Frank, e ele lamentara-o, por causa da sobreporta, que lhe permitia ver para o quarto, subindo à mesa da cozinha.

Tinham-lho contado. Nesse dia, só lá estava Steffi, um pau de virar tripas de pele descorada, que só tinha capacidade para se estender afastando as pernas e ficar a olhar para o tecto. O suboficial ficara desiludido, provavelmente porque com Steffi nada havia a fazer se não se fosse directo ao assunto.

Ela não tinha sequer sensibilidade que chegasse para escutar convenientemente as histórias que lhe contavam.

– Tu és só um buraco, minha menina – costumava dizer-lhe Lotte.

O Eunuco devia ter pensado que a coisa se ia desenrolar de forma diferente. Seria ele de facto impotente? Fosse como fosse, nunca saíra do Timo com uma mulher.

Será que se satisfazia sozinho quando as apalpava, sem ser notado? Era possível. Tudo é possível com os homens, Frank sabia-o depois de ter cumprido a sua educação em cima da mesa da cozinha, a ver através da sobreporta.

Não era natural vir-lhe a ideia de experimentar com o Eunuco, visto que mais cedo ou mais tarde teria de matar alguém?

Antes de mais, tinha a obrigação de se servir da navalha que lhe haviam passado para as mãos e que era mesmo uma bela arma. Dava vontade de a experimentar, a despeito de tudo o resto, de sentir o efeito que produzia quando penetrava nas carnes e deslizava por entre os ossos.

Tinham-lhe explicado um truque: girar ligeiramente a mão, como se faz com uma chave na fechadura, assim que a lâmina estivesse enfiada nas costelas.

O cinto estava em cima da mesa, com o revólver pesado e polido no coldre. O que não se pode fazer com um revólver! E que tipo de homem nos tornamos de imediato!

Por fim, havia esse tipo de quarenta anos, esse Berg, amigo de Kromer, portanto alguém confiável, alguém muito respeitável, sem dúvida, a quem deviam ter falado de si como se fosse um rapazito.

– Emprста-ma só uma hora e faço-lhe a estreia. Aposto contigo que volto com um revólver!

Naquele momento, aquilo parecia normalíssimo. Frank conhecia o lugar certo para se emboscar. Na Rua Verde, que o Eunuco fatalmente tomaria para subir da doca e chegar à

rua do eléctrico, havia um velho edifício entaipado, a que ainda se chamava fábrica de curtumes, embora já há quinze anos lá não se efectuasse qualquer curtimenta. Na verdade, Frank nunca conhecera a fábrica em actividade; dizia-se que no tempo em que funcionava para o exército, contabilizava uns seiscentos trabalhadores.

Agora, não passava de um conjunto de grandes paredes nuas, de tijolo preto, com altas janelas como as das igrejas, que só começavam a seis metros do solo e que tinham todas as vidraças partidas.

Um beco escuro, com apenas um metro de largura, separava a fábrica de curtumes do resto da rua.

O primeiro candeeiro de rua aceso — a cidade estava cheia de candeeiros tortos ou partidos — ficava longe, na paragem do eléctrico.

Portanto, era muito simples, nem sequer emocionante. Ele estava ali, no beco, de costas coladas ao muro de tijolo da fábrica de curtumes, e, exceptuando os apelos pungentes dos comboios do outro lado do rio, à sua volta era só silêncio. Nem uma luz nas janelas. As pessoas estavam a dormir.

Entre as duas paredes, via um fragmento de rua, e era a rua tal qual a conhecia desde sempre, durante os meses de Inverno: nos passeios, a neve formava dois bancos acinzentados, um do lado das casas, o outro do lado da calçada; entre os dois, um carreiro estreito, enegrecido, que as pessoas conservavam com areia, sal ou cinzas. À frente de cada porta, esse carreiro era recortado por um outro carreiro que conduzia à calçada, onde os traços das rodas eram mais ou menos profundos conforme os sítios.

Muito simples.

Matar o Eunuco...

Matava-se gente de uniforme todas as semanas, e eram organizações patrióticas a ser importunadas, eram reféns, conselheiros, gente importante quem era fuzilada ou levada

Deus sabe para onde! De qualquer forma, o facto é que não se voltava a ouvir falar deles.

Para Frank, tratava-se de matar o seu primeiro homem e de estrear a navalha sueca de Kromer.

Só isso.

A sua única arrelia era ter as pernas enterradas até aos joelhos na neve endurecida – pois ninguém tivera a ideia de tirar a neve do beco – e de sentir os dedos da mão direita a retesar-se a pouco e pouco; mas decidira não usar as luvas.

Não se deixou enervar ao ouvir passos. Além de que sabia não se tratar do seu suboficial. Este, com as suas botas pesadas, teria feito a neve estalar ainda mais. Ficou intrigado, só isso. Os passos eram demasiado largos para serem de uma mulher. A hora do recolher obrigatório já passara há muito. Gente como ele, como Kromer, como os clientes do Timo, não se preocupavam com isso, por montes de razões, mas os habitantes do bairro não costumavam passear à noite.

O homem aproximava-se do beco, e, mesmo antes de o ver, Frank já percebera, já adivinhara, e ter adivinhado concedia-lhe uma certa satisfação.

De facto, um pequeno clarão amarelo vacilava sobre a neve. Era o de uma lanterna que o homem balançava ao caminhar.

Para Frank, esse passo largo, quase silencioso, esse passo ao mesmo tempo brando e surpreendentemente rápido evocava, de forma automática, a silhueta do seu vizinho Gerhardt Holst. O encontro evidenciava-se absolutamente normal. Holst vivia no mesmo prédio de Lotte, no mesmo andar. A porta do seu apartamento ficava mesmo à frente da do deles. Era motorista de eléctrico, e o seu horário mudava todas as semanas; às vezes, saía bem cedo de manhã, antes da alvorada; outras

vezes, descia as escadas lá para o meio da tarde, sempre com a sua marmitta de lata debaixo do braço.

Era altíssimo. O passo era silencioso, porque trazia botas feitas por ele próprio, com feltro e panos velhos. É normal que um homem que passa horas na plataforma de um eléctrico tente ter os pés quentes; no entanto, Frank, sem razão para isso, não conseguia olhar para aquelas botas disformes, de um cinzento de papel mata-borrão – do qual pareciam ter a consistência – sem sentir uma espécie de desconforto.

Todo aquele homem era do mesmo cinza, como que da mesma matéria. Parecia não olhar para ninguém, não se interessar por nada a não ser a marmitta de lata que trazia debaixo do braço e que continha a sua refeição.

No entanto, Frank virava a cabeça para lhe evitar o olhar, ou, noutras alturas, fixava Holst expressamente nos olhos, com um ar agressivo.

Holst ia passar. E depois?

Tudo indicava que ia seguir a direito no seu caminho, empurrando diante de si, na neve e no carreiro escuro, o círculo luminoso da lanterna. Frank não tinha qualquer razão para fazer barulho. Colado ao muro, estava praticamente invisível.

Então, porque tossiu ele no preciso momento em que o homem ia entrar no beco? Não estava engripado. Não tinha a garganta seca. Praticamente não fumara nessa noite.

No fundo, tossiu para atrair a atenção. E nem sequer era por desafio! Que interesse teria em desafiar um pobre homem que conduz eléctricos?

Holst não era um verdadeiro condutor de eléctricos, seja. Era evidente que vinha de outro sítio, que ele e a filha haviam levado uma outra existência. De gente como esta estão as ruas cheias, bem como as filas nas padarias. Já não nos viramos para eles. São eles que têm vergonha de não se sentirem bem iguais aos outros e que põem um ar humilde.

Nem por isso Frank deixou de tossir de propósito.

Seria por causa de Sissy, a filha de Holst? Isso não teria qualquer sentido. Não está apaixonado por Sissy. Essa miúda de dezasseis anos não o impressiona. Pelo contrário, é ele que a deixa impressionada.

Não costuma ela entreabrir a porta quando o ouve a subir as escadas, a assobiar? Não corre ela para a janela quando ele sai e não vê ele as cortinas a mexerem-se?

Tendo vontade, tê-la-ia quando quisesse. Talvez com um pouco de paciência e alguns modos, o que não é difícil.

O mais surpreendente é que Sissy saberá certamente quem ele é, o trabalho da mãe dele. São desprezados pelo prédio inteiro. Raras são as pessoas que os cumprimentam!

Holst também não o cumprimenta, mas esse não cumprimenta ninguém. Não por arrogância. Mais por humildade, ou porque as pessoas não lhe interessam, porque vive com a filha num pequeno círculo do qual não sente necessidade de sair. Há gente assim!

Não é sequer um tipo misterioso.

Talvez tenha sido simplesmente por criancice que Frank tossiu? Era demasiado fácil, demasiado banal.

Holst não teve medo. O passo não abrandou. Não pensou que fosse ele que alguém pudesse esperar no beco. Também isto é curioso, porque afinal um homem não se encosta sem ter um motivo a uma parede, a meio da noite, com um frio de vinte graus abaixo de zero!

No momento de passar em frente do beco, muda apenas a direcção da lanterna, só por um instante, o tempo de iluminar o rosto de Frank.

Este não se deu ao trabalho de subir a gola do casaco, de virar a cabeça. Ficou ali a descoberto, com esse ar reflectido e decidido que tem sempre, mesmo quando está a pensar apenas em coisas fúteis.

Holst viu-o e reconheceu-o. Não falta percorrer mais do que cem metros para chegar a casa. Vai tirar a chave do bolso, pois, por causa do seu trabalho nocturno, é o único dos inquilinos a possuir uma chave.

Amanhã, saberá pelos jornais – ou simplesmente na fila de uma loja qualquer – que o suboficial foi morto na esquina do beco.

Portanto, este saberá.

Que decidirá fazer? Os ocupantes anunciarão um prémio, como costumam fazer quando se trata de um dos seus, para mais quando é um graduado. Holst e a filha são pobres, só devem comer carne uma vez a cada quinze dias, e o mais das vezes restos fervidos com nabijas. Pelos odores que escapam pelas portas, sabe-se o que se come em cada apartamento.

Que fará Holst?

Certamente, não anda satisfeito por ver um negócio como o de Lotte a efectuar-se mesmo à frente da sua casa, onde Sissy passa os dias.

Não será essa uma oportunidade para se livrar deles?

No entanto, Frank tossiu e nem por um instante pensa em desistir do seu projecto. Pelo contrário! Durante uns momentos, faz uma espécie de reza para que o suboficial contorne a rua antes de Holst ter tempo de entrar em casa.

Holst havia de ouvi-lo, de vê-lo. Talvez esperasse um instante, com a chave na mão, e assim assistisse à coisa?

Não é o que acontece. Que pena! Frank estava tão excitado com esta ideia. Parece-lhe já que existe uma ligação secreta entre ele e aquele homem que está prestes a subir as escadas na escuridão do prédio.

Não é por causa de Holst que vai matar o Eunuco, claro, pois já o decidira antes.

Só que, nesse momento, o seu gesto não tinha qualquer sentido. Era quase uma brincadeira, uma criancice. Como é que ele dizia? Uma desfloração.



Agora, é outra coisa que ele deseja, que aceita, em pleno conhecimento de causa.

Há Holst, Sissy e ele; e o suboficial passa para segundo plano, Kromer e o seu amigo Berg perdem a importância.

Há Holst e ele.

E é realmente como se acabasse de eleger Holst, como se sempre houvesse sabido que em determinado ponto isto aconteceria, e nada daquilo fora feito senão para o motorista do eléctrico.

Uma meia hora depois, batia na pequena porta do fundo do bar de Timo, na ruela, da forma combinada. Foi o próprio Timo a abrir. Já lá não estava quase ninguém, e uma das raparigas que há pouco bebia com o Eunuco vomitava na pia da cozinha.

– Kromer foi-se embora?

– Ah! Sim... Disse-me para te avisar... Tinha um encontro na alta da cidade...

A navalha, perfeitamente limpa, estava no bolso de Frank. Timo não lhe prestava atenção e enxaguava copos.

– Tomas alguma coisa?

Tinha de responder que sim. Mas preferia dar provas de não estar perturbado, de não precisar de álcool. No entanto, teve de o fazer duas vezes, por causa da gordura que envolvia as costas do suboficial. O revólver inchava-lhe o outro bolso.

Mostrá-lo a Timo? Não havia perigo. Timo ia ficar calado. Mas era também demasiado fácil. Era o que toda a gente faria.

– Boa noite!

– Vais dormir a casa da tua mãe?

Dormia aqui e ali, às vezes no pardieiro atrás do Timo, onde as meninas comiam, às vezes em casa de Kromer, que tinha um belo quarto e um sofá, ou noutras casas, conforme calhasse. Mas havia sempre uma cama articulada para ele na cozinha de Lotte.

– Vou para casa...

Era perigoso, por causa do corpo que continuava atravessado no passeio. Era mais perigoso dar a volta pela rua principal – tomando a ponte –, visto que, desse lado, se arriscava a encontrar uma patrulha.

Esse volume escuro estava ainda no passeio, parte no carreiro negro, parte no monte de neve, e Frank passou por cima dele. Foi o único momento em que teve medo. Não só de ouvir os passos atrás de si, mas de ver o Eunuco a levantar-se, por exemplo.

Tocou à campainha e esperou um bom pedaço de tempo que o porteiro abrisse a porta, carregando num botão na cabeceira da cama. Subiu os primeiros degraus com grande rapidez, abrandou o passo e, por fim, quando passava à frente da porta de Holst, sob a qual a luz passava filtrada, pôs-se a assobiar, para dar a saber que era ele.

Não entrou no quarto da mãe, que tinha o sono profundo. Despiu-se na cozinha, onde acendera a luz. Deitou-se. Cheirava a guisado e a alho-francês, e o odor era tão forte que o impedia de dormir.

Então, levantou-se, entreabriu a porta dos fundos e encolheu os ombros.

Era Bertha quem ocupava a cama, nessa noite. O seu grande corpo pesado estava a ferver. Empurrou-a com as costas e ela resmoneou, estendeu um braço, que ele teve de dobrar para ganhar espaço.

Um pouco mais tarde, quase a possuiu, porque não conseguia dormir, depois pensou em Sissy, que seguramente era virgem.

Será que o pai dela lhe diria o que Frank fizera nessa noite?

Quando Bertha se levantou, ele quase despertou e abriu suficientemente os olhos para ver o orvalho congelado nos vidros da janela.

Descalça, a raparigona foi acender a luz da cozinha, deixou a porta entreaberta, de modo que apenas um reflexo iluminava o quarto. E, no fundo da divisão, ele ouvia-a a pôr as meias, a roupa interior, a enfiar o vestido, por fim a sair e a fechar a porta. O próximo ruído seria, ao lado, a raspagem do atizador na grelha.

A mãe sabia domá-las. Sempre tivera o cuidado de, durante a noite, guardar pelo menos uma em casa. Não por causa dos clientes, pois, a partir das oito da noite, quando a porta de baixo se fechava, já não subia ninguém. Mas Lotte precisava de companhia. Sobretudo, precisava de que a servissem.

— Já passei fome que chegue quando era nova e burra, agora tenho de gozar a vida. Calha a todos.

Retinha sempre a mais simplória, a mais pobre, sob o pretexto de esta morar demasiado longe, de ali haver lume ou de ter preparado um belo jantar.

Todas usavam o mesmo roupão violeta de algodão felpudo, que a maior parte do tempo lhes pendia até ao chão. Andavam invariavelmente entre os dezasseis e os dezoito anos.

Lotte não as queria mais velhas. E, salvo raras exceções, nunca as mantinha mais de um mês.

Os clientes gostam de variar. Era inútil dizê-lo antecipadamente às meninas. Elas julgavam-se em casa, sobretudo as que vinham do campo, e eram quase sempre estas que passavam lá a noite toda.

Lotte devia fazer como Frank, que só dormia parcialmente, consciente da hora, do sítio onde estava, dos sons do apartamento e dos sons da rua. Era assim que vigiava automaticamente o estardalhaço do primeiro eléctrico, que se ouvia a chegar de muito longe no vazio gelado das ruas, e cuja grande lanterna amarela ele julgava ver.

Logo depois, veio a topada dos dois baldes de carvão. Era o mais duro de manhã, para a rapariga de serviço. Por causa dessa tarefa, uma delas, que até era fortalhaça, de carnes bastas, foi-se embora. Com os dois baldes de chapa preta, tinha de se descer os três andares, a seguir ainda o andar da cave, e depois subir com os dois baldes cheios.

Toda a gente no prédio se levantava cedo; era como um prédio de fantasmas, porque, por causa das restrições e dos cortes de corrente, as pessoas já só usavam lâmpadas muito fracas. Além disso, não tinham fogo; mal se atreviam a usar um fiozinho de gás para aquecer o café de bolota.

De cada vez que alguém saía com os baldes do carvão, Frank punha-se à escuta, e Lotte devia fazer o mesmo na sua cama.

Cada inquilino tinha a sua cave, fechada a cadeado. Mas quem além deles tinha carvão e madeira?

Quando a rapariga tornava a subir com os baldes, de braços estirados, o rosto congestionado, havia quase sempre portas que se entreabriam à sua passagem. Olhares duros fixavam-se nela, nos baldes. Mulheres trocavam considerações em voz alta. Uma vez, um inquilino do segundo andar – mais tarde foi fuzilado, mas não por isso – atirara os dois baldes ao chão, grunhindo:

– Puta!

Na caserna – pois o prédio assemelhava-se a uma caserna –, enroupavam-se todos nos casacos, com duas ou três camisolas de lã, a maior parte com luvas. E havia as crianças, que tinham de ir à escola.

Bertha descera. Bertha não tinha medo. Era uma das poucas, talvez por ser forte e plácida, a aguentar-se durante seis semanas. Mas no amor não valia nada. Às vezes soltava um rugido tão bizarro que o homem perdia a vontade.

*Uma vaca!*, pensava Frank.

Tal como pensava acerca de Kromer: *Um jovem touro!*

Deviam tê-los juntado. Bertha acendia as salamandras, inclusive no quarto, deixando de novo a porta da cozinha entreaberta. Havia quatro salamandras no apartamento, mais do que em todo o resto do prédio, quatro salamandras só para eles. Quem sabe um dia as pessoas viessem surripiar-lhes um pouco de calor, encostando-se à parede, no corredor?

Será que Sissy Holst tinha aquecimento?

Sabia como era; conhecia a chamazinha azul a sair do fogão a gás, e apenas entre as sete e as oito da manhã.

As pessoas aqueciam os dedos na chaleira. Havia quem metesse os pés, ou a barriga, em cima do fogareiro. E todos cobertos com trapos velhos, tudo o que pudessem amontoar nas costas, fosse o que fosse.

Sissy?

Porque pensara ele em Sissy?

No prédio em frente, mais pobre do que o dele, porque mais envelhecido e já deteriorado, tinham colado papel de embrulho nos vidros para obstaculizar o frio, deixando apenas uns buraquinhos no papel para a luz entrar e para olharem lá para fora.

Será que viam o Eunuco? Será que já tinham descoberto o corpo?

Ia passar-se sem bulício. Coisas destas nunca provocavam bulício. Muita gente já tinha saído para o trabalho, as mulheres iam pôr-se nas filas.

A menos que uma patrulha improvável tivesse ido ali — nunca passam na Rua Verde, que não leva praticamente a lado nenhum —, os primeiros, os madrugadores haviam relanceado o vulto escuro em cima da neve e tinham-se apressado até à paragem do eléctrico.

Os outros, agora que estava de dia, deviam distinguir a cor do uniforme. Apenas faziam por se afastar mais depressa.

A coisa viria de um dos porteiros. Essa gente é uma espécie de funcionários. Não podem fingir não ter visto nada. Têm um telefone à disposição, no corredor do prédio.

Vinha da cozinha um odor a lenha miúda a arder. Depois, avalanches de cinzas nas outras salamandras e, por fim, a música do moinho de café.

Bertha, pobre matrafona! Pouco antes, descalça, na carpete, esfregava o corpo todo para apagar os vincos desenhados na pele pelos lençóis. Não vestira as calças. Transpirava. Devia estar a falar sozinha. Dois meses antes, a esta hora, dava de comer às galinhas e certamente falava-lhes numa língua que elas compreendiam.

Sempre o eléctrico, a paragem brusca na esquina, onde cuspiam areia para cima dos carris para travar. As pessoas estavam habituadas e, no entanto, ficavam como que em suspense, aguardando que ele voltasse a partir com o seu ruído de ferragem.

Qual dos porteiros teve medo bastante para telefonar às autoridades? Todos os porteiros têm medo. É o trabalho deles. Dá até para imaginar um deles a gesticular à frente de dois ou três carros cheios de ocupantes.

Houve um tempo em que se teria cercado o bairro e vasculhado as casas uma a uma. Já ia longe. Os reféns também.

Dir-se-ia que os homens se tornaram filósofos de um lado e do outro da barreira. Mas existe ainda uma barreira?

Vamos fingir que sim.

Um gordo depravado morreu. Que é que isso tem a ver com eles? Devem ter percebido o quanto ele valia. Vai preocupá-los mais o desaparecimento do revólver, pois quem o apanhou poderia ter a ideia de o usar contra eles.

Definitivamente, também eles têm medo. Toda a gente tem medo.

Passam dois automóveis, três, e voltam a passar. Há outro que vai de prédio em prédio.

É só para dar nas vistas. Não vai acontecer nada.

A menos, claro, que Holst decida falar. Mas Holst não vai falar.

Frank confia nele.

Pronto! Já tem uma explicação. Talvez não seja o termo completamente exacto, mas dá uma ideia daquilo que pensou confusamente na véspera: confiou nele.

Holst deve estar a dormir. Não. A esta hora, está de pé, vai descer as escadas, pois quando não está de serviço, é ele que vai para as filas.

Em casa de Lotte, também se faz fila para alguns víveres; isto é, manda-se uma das raparigas. Para outros, não. Há produtos que valem a pena o incómodo, mesmo para eles.

Todas as portas interiores estão abertas. A salamandra da cozinha irradia calor para todas as divisões, a ponto de, na verdade, ser suficiente; a seguir, espalha-se o odor de café a sério.

Do outro lado da cozinha, dando para o patamar, logo à esquerda das escadas, é o salão de manicura, onde há uma salamandra sempre acesa.

Cada salamandra, cada lume tem o seu próprio odor, a sua vida específica, a sua forma de respirar, os seus ruídos mais ou menos incongruentes. A da sala cheira a linóleo, evoca a

divisão de móveis encerados, o piano vertical, com rendas e crochês nas mesinhas de centro e nos braços dos sofás.

— Os mais depravados são os burgueses — assegura Lotte. — E os burgueses gostam de fazer as suas pequenas pulhices numa atmosfera que lhes recorde o lar.

É por isso que as duas mesinhas de manicura são minúsculas, quase invisíveis. Em contrapartida, Lotte ensina as gaiatas a tocar piano com um só dedo.

— Como a filhota deles, percebes?

O quarto, o quarto grande, como ele lhe chama, no qual Lotte dorme neste momento, é todo ele estofado com alcatifas, tapeçarias, pequenos bordados à mão.

É também Lotte que afirma:

— Se eu pudesse pendurar aqui o retrato do pai deles, da mãe, da mulher e dos filhos, bastava-me isso, ficava milionária!

Será que já levaram o Eunuco? É provável. Cessaram as idas e vindas dos automóveis.

Gerhardt Holst, com o seu longo nariz azulado do frio, de saco de rede na mão, deve estar imóvel e digno, numa qualquer fila do bairro. Há pessoas que aceitam isso, outras que não. Frank não aceitou. Por nada deste mundo se ia pôr numa fila.

— Que vão os outros... — disse-lhe uma vez a mãe, que o acha pretensioso.

Imagina-se Kromer numa fila? E Timo? E este ou aquele?

Será que Lotte tem carvão? A sua primeira preocupação, assim que se levanta, não vai ser falar da cozinha?

— Cá em casa, come-se! — respondeu ela uma vez a uma rapariga que nunca se tinha prostituído e que lhe perguntava quanto é que ia ganhar.

E é verdade. Come-se. Não se come: empanturra-se. Empanturra-se de manhã à noite. Há sempre comezaina em cima da mesa da cozinha, e dava para alimentar uma família inteira com os restos.



Tornou-se uma espécie de jogo procurar os pratos mais difíceis de confeccionar; os que contêm mais gorduras ou produtos impossíveis de encontrar. É um desporto.

– Toucinho? Vai ao Kopotzki, da minha parte. Diz-lhe que lhe levo açúcar.

E se acrescentássemos cogumelos?

– Apanha o eléctrico e pára no Blang. Diz-lhe que...

Cada refeição é uma espécie de aposta. Uma aposta e um desafio, uma vez que a casa inteira recebe os eflúvios da cozinha, que se escoam pelas fechaduras, por baixo das portas. Por pouco não ficam abertas. Enquanto isso, os Holst contentam-se com um ossito num caldo de nabijas.

Que é que lhe dá para voltar sempre aos Holst? Levanta-se. Está farto de estar deitado. Entra na cozinha esfregando os olhos ofuscados. São onze horas. Chegou uma rapariga que ele não conhece, uma novata, com ar ajuizado, um aspecto certinho, que ainda não tirou o chapéu e usa uma blusa branca de donzela.

– Não tenha medo de usar o açúcar – diz-lhe Lotte, que está sentada, com o roupão de banho, de cotovelos na mesa, e que bebe o café em golinhos.

É sempre assim. Há que domesticá-las. De início, não se atrevem. Olham para os torrões de açúcar como objectos preciosos. A mesma coisa com o leite, com tudo. E após um certo tempo, há que pô-las no olho da rua, porque despojam os armários. É verdade que seriam corridas mesmo sem isso.

São obedientes. Juntam os joelhos ao sentar-se. A maior parte delas usa um pequeno conjunto, como Sissy, saia escura e blusa clara.

– Se ao menos elas não mudassem!

É disso que os clientes gostam.

Não do desleixo da manhã, por exemplo. Ainda assim, sabe-se lá? Estão todos ali, em família, deslavados, de pele lustrosa, a comer o que querem, a fumar um cigarro e a fazer tempo.

— Podes passar-me as calças a ferro? — pergunta Frank à mãe.

E, porque a tomada está na sala, Lotte instala aí uma tábua entre dois sofás.

O Eunuco?

De certeza que houve vizinhos que sentiram medo por causa dele, todos os que nessa manhã viram o corpo na neve e que, por causa disso, não conseguirão ficar de consciência tranquila durante o dia.

Já Frank só se inquieta com o revólver. Por volta das nove, levantou-se por um momento, com a ideia de o tirar do bolso do casaco e de o esconder nalgum lado.

Mas escondê-lo onde? Escondê-lo de quem?

Bertha é demasiado mole, demasiado frouxa para contar o que quer que seja, a não ser por parvoíce.

A outra, a miúda com o conjunto de saia e blusa, de quem ainda não sabe o nome, há-de ficar calada, porque é nova, porque está em casa deles, porque tem fome.

Quanto à mãe, não se preocupa com ela. Ele é que é o patrão. Ela bem que às vezes tenta, tenta revoltar-se, mas sabe que nada pode dizer e que acabará sempre por fazer aquilo que Frank quiser.

Não é alto. É mais para o pequeno. Chegou a usar tacões grossos — mas já há muito tempo —, quase como os das mulheres, para parecer maior. Também não é gordo, mas bem constituído, de ombros largos.

A pele é clara, como a de Lotte, os cabelos louros, os olhos de um azul-acinzentado.

Porque têm as raparigas medo dele, se ainda não tem sequer dezanove anos? Às vezes parece uma criança! Provavelmente, seria capaz de ser afectuoso, se quisesse. Não se dá ao trabalho.

E o que mais espanta, naquela idade, é a sua calma. Em pequeno, mal andava, com uma grande cabeça e caracóis, já

se dizia que parecia um homenzinho. Não se irrita. Não gesticula. Raramente o vêem a correr, raramente a zangar-se, e é ainda mais raro que levante a voz.

Uma das raparigas, a qual ele costumava visitar na cama, punha-lhe a cabeça entre os braços e perguntava-lhe porque é que ele andava sempre triste.

Recusava-se a acreditar, quando ele lhe respondia num tom seco, desprendendo-se:

– Não estou triste. Nunca na minha vida estive triste.

Talvez fosse verdade. Não estava triste, mas não sentia necessidade de rir nem de brincar.

Assim, ainda agora, pensando em Holst, mantém-se perfeitamente calmo. Não sente a menor inquietação. Está apenas um pouco intrigado.

Aqui, bebe-se café com açúcar e natas a sério, espalha-se manteiga no pão e doce ou mel. É pão quase branco, como, em todo o bairro, só se consegue encontrar no Timo.

Que é que comem os da frente? Que é que come Gerhardt Holst? Que é que come a sua filha Sissy?

– Praticamente não comeste – observa Lotte, que, como é seu hábito, se empanturrou.

Teve tanta fome, antigamente, no tempo em que os outros comiam, que tem sempre medo de não comer o suficiente e enfarta-se como um ganso.

Ele não tem coragem de se vestir. Além disso, a esta hora, não há nada para fazer lá fora.

Faz tempo. Olha para Lotte, que lhe passa as calças a ferro com cuidado e que, com a ponta das unhas envernizadas, tira algumas manchas. Depois, segue a miúda nova com o olhar. Vê-a dispor em cima da mesinha as ferramentas de manicura, as quais não sabe usar.

Na sua nuca ainda delicada, de pele finíssima, que lhe faz pensar numa galinha, há uns cabelitos desalinhados que ela tenta arranjar com um gesto automático.

Durante a Ocupação, Frank Friedmaier, um jovem de dezanove anos, cínico, insolente e misógino, leva uma vida de ócio e delinquência. Vive com a mãe num apartamento que é também um bordel, com mesa farta e casa aquecida. Lá fora, a cidade está sob o jugo do frio e da miséria, da sordidez e da traição. Certo dia, decidido a desafiar o destino, Frank mata um homem pela primeira vez. A única testemunha será o vizinho Gerhardt Holst com cuja filha Frank estabelecerá uma estranha e obsessiva relação, que o acompanhará na sua inexorável descida ao abismo.

Publicado em 1948, *A Neve Estava Suja* é o romance existencialista por excelência de Georges Simenon. Reflexão intemporal sobre a banalidade do mal e a possibilidade de redenção, eis um *roman dur* psicológico, negro, com uma atmosfera asfixiante.

«Deveríamos falar de Simenon todos os dias.»

**Louis-Ferdinand Céline**


«O mais extraordinário criador de ficção  
do nosso tempo.»


**George Steiner**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-547-8



9 789895 835478